

A METÁFORA SEGUNDO OTHON MOACYR GARCIA

André Nemi Conforte¹

RESUMO: Comunicação em prosa moderna², livro pioneiro de Othon Moacyr Garcia, cuja primeira edição é de 1967, representa uma das mais importantes contribuições ao ensino de Língua Portuguesa no Brasil. No presente artigo, buscamos avaliar até que ponto seu breve estudo sobre a metáfora, inserido na primeira parte do livro, contribui para o estudo dessa figura de linguagem que tem sido drasticamente reavaliada na esteira dos estudos cognitivistas que se seguiram à publicação de *Metáforas do Cotidiano* (Lakoff & Johnson, 1980).

Palavras-chave: Othon Moacyr Garcia; Comunicação em prosa moderna; metáfora

Metaphor according to Othon Moacyr Garcia

SUMMARY: *Comunicação em prosa moderna*, pioneering book by Moacyr Othon Garcia, whose first edition was published in 1967, is one of the most important contributions to the teaching of the Portuguese language in Brazil. In this article, we evaluate the extent to which his brief study of the metaphor, inserted into the first part of the book, contributes to the study of this figure of speech that has been dramatically re-evaluated in the wake of cognitive studies that followed the publication of *Metaphors of Everyday Life* (Lakoff & Johnson, 1980).

Keywords: Moacyr Othon Garcia; Communication in modern prose; metaphor

Em *Comunicação em prosa moderna* (GARCIA, 2010), obra pioneira e original no que diz respeito ao ensino de produção textual em terras brasileiras, Othon Moacyr Garcia aborda, na primeira parte do livro, também de modo pioneiro e original, a relação entre as chamadas *circunstâncias* e o ensino de análise sintática. Para tanto, empreendendo uma abordagem de base dedutiva (do geral para o particular), apresenta-nos os mais variados enlaces sintático-semânticos (com especial destaque para o emprego dos conectivos) a partir do que ele chamou de *áreas semânticas* ó a saber: *causa* (incluindo aí *consequência*, *fim* e *conclusão*); *tempo*; *condição* (também vista, de certa forma, como uma variante da causa); *oposição* e *concessão*; e, enfim, *comparação* e *símile*.

¹ Doutor em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; professor da graduação, categoria adjunto, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil. andreconforte@yahoo.com.br

² Doravante referenciada pela sigla *CPM*.

Estranhamente, neste último tópico, o autor praticamente não se ocupa, a exemplo do que ocorre na apresentação das demais circunstâncias, de demonstrar os diversos torneios sintáticos por meio dos quais é possível elaborar estruturas comparativas em língua portuguesa. Podemos dizer, portanto, que Garcia não focaliza, aqui, os aspectos sintáticos da comparação.

Se tal orientação denuncia certa assistemática na organização geral do livro, por outro, dá-nos o ensejo de observar que tratamento teórico e didático ele dá a um importantíssimo e sempre presente elemento da linguagem humana, a saber, a metáfora.

Vejam, pois. Será por meio do que chamou de *associação natural de ideias* que ele partirá da circunstância de comparação para o conceito de metáfora, assim como já fizera, em parte, no tópico anterior, ao discorrer sobre a antítese e figuras afins, quando tratou da circunstância de oposição (que compreende, entre outras tantas estruturas, as orações coordenadas adversativas e as subordinadas concessivas).

Com efeito, é a própria área semântica de oposição que serve de gancho para que o autor nos demonstre que ãa realidade não é constituída apenas por contrastes; também o é por semelhançasö (GARCIA, 2010, p. 105). E, partindo desta ideia básica, faz Garcia a primeira subdivisão dentro desta grande área semântica:

Alguns autores, como Hedwig Conrad, distinguem a *comparação propriamente dita*, a comparação estritamente gramatical ó ãele é (tão) forte como o paiö ó, em que os objetos ou seres comparados pertencem ao mesmo nível de referência, da *comparação metafórica ou símile*. Nesta, não apenas os objetos comparados pertencem a níveis de referências diferentes, mas também o segundo deles é o representante *por excelência* do atributo que se quer ressaltar no primeiro, o que permite dizer que o símile se distingue da simples comparação por ser um exagero, uma hipérbole: *Fulano é forte como um touro* (exagera-se a força de Fulano ao se compará-la com a do touro) (GARCIA, 2010, p. 105-106).

Othon M. Garcia não coloca em julgamento esta distinção, apenas a cita. Autores há, no entanto, para os quais os termos *comparação* e *símile* são sinônimos e se distinguem da metáfora unicamente pelo uso do conectivo. Edward Lopes, a respeito desta distinção, comenta: ãNão é muito fácil aceitar a ideia de que basta suprimir a partícula comparativa de uma comparação para fazer uma metáfora. É isso mesmo, no entanto, que parece ocorrer efetivamenteö (LOPES 1986, p. 25)

Em seguida, apresenta quatro exemplos:

<i>Comparação</i>	<i>Metáfora</i>
Meu coração é como um balde despejado	õMeu coração é um balde despejadoö (Fernando Pessoa)
Minha alma é qual um <i>boudoir</i> cheio de rosas	õMinha alma é um <i>boudoir</i> cheio de rosas fanadasö

fanadas	(Baudelaire)
O cais é <i>ver</i> uma saudade de pedra	õO cais é uma saudade de pedra (F. Pessoa)
Mulher de coração tal qual pedra	Mulher de coração de pedra

Voltando a CPM, consideramos importante destacar duas características da metáfora apresentadas pelo autor: a primeira, a propriedade que tem esta figura de sempre traduzir uma ideia *mais abstrata* para uma realidade *mais concreta*; a segunda, a tese ó cara ao autor (presente inclusive em alguns de seus estudos de análise estilística, como no ensaio em que perscruta a obra poética de João Cabral de Melo Neto ó ver GARCIA, 1996) ó de que a linguagem humana se caracteriza pela õinsuficiência de palavras, õindigência verbal para exprimir com exatidão e clareza todos os possíveis matizes de ideias ou sentimentos (GARCIA, 2010, p. 106):õ

Ora, a realidade concreta oferece uma variedade quase infinita de coisas e seres capazes de traduzir, por particularização e concretização (ou concretude), ideias gerais e abstratas, pois uma das deficiências do espírito humano está na sua incapacidade de abstração absoluta, na incapacidade de isolar conceitos ou conceber ideias desgarradas de todo contato com o mundo objetivo. (...) *Muito forte* é abstração: *forte como um touro* é concreção. Quanto mais concreta e objetiva é a nossa linguagem, tanto mais precisa, tanto mais clara se torna (*idem, ibidem*).

Embora Garcia já aponte a caracterização da metáfora para além de mera figura de retórica, ele reconhece, com Karl Bühler, que ela õnão é apenas um recurso do qual se lança mão por falta de *expressão adequada*, mas também é um meio de *caracterização pitoresca*õ (GARCIA, 2010, P. 107).

O tratamento semântico e formal que Garcia dá à metáfora, até aqui, não foge do convencional: define-a como a

figura de significação (tropo) que consiste em dizer que uma coisa (A) é outra (B) em virtude de qualquer semelhança percebida pelo espírito entre um traço característico de A e o atributo *predominante*, atribuído por *excelência*, de B, feita a exclusão de outros, secundários por não convenientes à caracterização do termo próprio A (*ibidem*).

Quanto a sua estrutura formal,

a metáfora é, em essência, uma comparação implícita, isto é, destituída de partículas conectivas comparativas (*como, tal qual, tal como*) ou não estruturada numa frase cujo verbo seja *parecer, semelhar, assemelhar-se, sugerir, dar a impressão de* ou um equivalente desses (*ibidem*).

Recorre, ainda, à semântica estruturalista para lembrar que o processo metafórico õdiz respeito à organização sêmica da mensagem (p. 109)õ, tomando como ponto de partida o verso õIncêndio ó leão ruivo, ensanguentadoõ, de Castro Alves:

Assim, no caso em pauta, o semema *leão*, isto é, o termo comparante (Cte) *leão*, encerra, entre outros, os semas (S) *ó* culturalizados e codificados, além dos de ordem puramente denotativa (animal, mamífero, quadrúpede, etc.) *ó* ímpeto, ferocidade, destruição, mortífero, cor avermelhada (juba ruiva). Por outro lado, o semema do termo comparado (Cdo) *incêndio* encerra também alguns semas idênticos: cor avermelhada das labaredas, destruição, morte, ímpeto das chamas. Pode-se, então, dizer que, num processo metafórico, há entre o termo comparante (*leão*, Cte) e o comparado (*incêndio*, Cdo) um sema ou mais de um sema comum, o que se pode assim esquematizar:

Cdo.....S.....Cte		
(incêndio)	(mortífero, cor avermelhada, ímpeto, destruição)	(leão)

Tal esquematização³ aproxima o conceito de metáfora do de *polissemia*, pela constatação de que o fato de haver um *sema* comum entre os diversos significados de uma mesma palavra caracterizaria a natureza polissêmica deste signo, diferenciando definitivamente este aspecto semântico da *homonímia perfeita*, que é de natureza meramente formal, dá-se apenas no nível do significante. Na polissemia, ainda que as diversas acepções de uma palavra sejam diferentes, um sema primário é sempre, em maior ou menor grau preservado (confrontem-se, só para dar dois exemplos generosos, as diversas acepções do verbo *passar* ou dos substantivos *ponto* e *linha*).

OUTRAS DISTINÇÕES: IMAGEM E CATACRESE

Adiante, aborda Garcia o conceito de *imagem*, que, no campo da psicologia, designa toda representação ou reconstituição mental de uma vivência sensorial (p. 110); em semiologia e comunicação, seria a representação concreta que serve para ilustrar uma ideia abstrata *ó* definição emprestada ao dicionário filosófico de Lalande (apud GARCIA, *ibidem*); por fim, no campo da teoria literária, haveria equivalência entre os conceitos de imagem e de metáfora.

Garcia não incentiva a investida de autores como Herbert Read, C. Day Lewis, René Wellek e Austin Warren, entre outros, que procuram diferenciar esses conceitos, já que, segundo o autor de CPM, a distinção seria antes psicológica do que formal:

³ Esquematização essa que vai ao encontro da definição de Dubois *et al* (1974, p. 151), de que a metáfora é *ó* produto de duas sinédoques.

Assim, com maior ou menor rigor, é perfeitamente cabível empregar *ó* e geralmente empregamos *ó* a palavra *imagem* para designar qualquer recurso de expressão de contextura metafórica, comparativa, associativa, analógica, através do qual se representa a realidade de maneira transfigurada (p. 111).

Em ensaio que viria a publicar posteriormente, sobre a obra de João Cabral de Melo Neto (GARCIA, 1996, p. 219), diz Garcia coisa semelhante quando afirma, ainda em relação à poesia de João Cabral, que *õfaca, lâmina e relógio não são -a coisa da coisaø*, mas a *imagem da coisaö* (*idem*, p. 204-205):

Faca é a palavra *faca* e não a *faca* mesma; é a palavra *faca* como *imagem do que não é faca*, mas lembra *faca: entre o que não é a faca* e a *faca* existe apenas isso: associação poeticamente captada em vista de uma área comum de identidade, de propriedade, de finalidade ou feição. E isso é *imagem* ou *metáfora* (não importa aqui a distinção didática que se costuma fazer entre essas duas figuras).

Garcia caracteriza, recorrendo à etimologia, a catacrese como um *abuso* no uso da metáfora, de forma que o falante nem mais se aperceba do emprego metafórico do termo, como no caso de *perna* da cadeira. Acontece que, face aos estudos que demonstram que a metáfora não é simplesmente um adorno da língua, um fato estético, mas antes uma propriedade que permeia toda a constituição da linguagem, torna-se muito difícil diferenciar uma coisa de outra. Se a metáfora está em todo o corpo da linguagem, então, excetuando-se o plano estilístico, não se poderá mais distinguir da catacrese. É certo que jamais se negou ser a catacrese uma especificação da metáfora, discriminando-se uma da outra tão somente pelo fato de que a catacrese não causaria mais um efeito de *õestranhamentoö*. Nesse caso, a se aceitar essa distinção, diríamos que a linguagem humana é antes *catacrética* que *metafórica*, o que não resolveria muito a questão. Dever-se-ia, então, à luz dessas considerações, descartar o conceito de catacrese? Ou continua ela válida no plano da estilística? Por outro lado (e não mais pretendemos nos deter nesse círculo vicioso), se a catacrese é metáfora gasta, prestar-se-ia aos estudos estilísticos, senão como exemplo negativo?

Autores há, e isso é tão natural quanto previsível, que consideram as concepções de metáfora acima apresentadas já bastante ultrapassadas, presas à tradição. É o que se dá com um recente estudo de base cognitivista sobre o assunto:

De acordo com a visão clássica da metáfora, esta atua como importante estratégia de comunicação, pois veicula ideias difíceis ou mesmo impossíveis de serem transmitidas pela linguagem literal. Seu potencial expressivo está em viabilizar a transmissão de vasta informação em imagem metafórica única, transmitindo a intensidade subjetiva da experiência de uma forma que a linguagem literal tenderia a não conseguir. Entretanto, a constituição da metáfora tem sido limitada à seara dos recursos expressivos, por meio dos quais adornamos o discurso ou clarificamos um conceito que nos pareça abstrato ao nosso

interlocutor, e tem sido explicada em termos de similaridades entre dois conceitos (MENEZES, 2010, p. 108).

Para levar a cabo sua crítica à visão tradicional da metáfora, a autora cita justamente a passagem de CPM à qual nos referíamos acima, passagem na qual Garcia arrola, como uma das motivações da metáfora, a existência de similitudes no mundo objetivo, a incapacidade de abstração, a pobreza relativa do vocabulário disponível em contraste com a riqueza e a numerosidade de ideias a transmitir e, ainda, o prazer estético da caracterização pitoresca (GARCIA, 2001, p. 100, *apud* MENEZES, *op. cit.*). Para a autora, tal excerto repete a ideia segundo a qual os constituintes do mundo objetivo detêm similitudes intrínsecas. Cita, ainda, a passagem em que o autor de CPM define o em síntese *didática*, ressalva ele o a metáfora como

a figura de significação (tropo) que consiste em dizer que uma coisa (A) é outra (B), em virtude de qualquer semelhança percebida pelo espírito entre um traço característico de A e o atributo *predominante*, atributo por *excelência*, de B, feita a exclusão de outros, secundários por não convenientes à caracterização do termo A. (GARCIA, 2001, p. 107, *apud* MENEZES, *op. cit.*).

A crítica da autora é totalmente procedente, é claro, a partir do momento em que se entende a metáfora não mais como um adorno de linguagem, um recurso de expressão, mas sim como um elemento *constitutivo* da linguagem, tal como foi proposto pelo estudo pioneiro e, até certo ponto, definitivo de Lakoff & Johnson. No entanto, entendemos que, sempre municiado não só do estado da arte das teorias linguísticas de sua época o lembremo-nos de que a primeira edição de CPM é de 1967, e a de *Metaphors we live by* (*Metáforas do Cotidiano* em português) é de 1980, mas também de reconhecida independência teórica, Garcia se permite conceber a metáfora, em algumas passagens de sua obra capital, como algo mais do que a simples figura de linguagem. Por outro lado, entendemos que o que parece existir na linguagem é um *continuum* metafórico, em que certos processos de figuração já se apresentam com elevadíssimo grau de opacidade o pensemos, por exemplo, nas preposições e outras palavras gramaticais o e outros se mostram como recurso poético evidente e transparente o pensemos num verso como *porque seu coração é uma ilha a centenas de milhas daqui*, de uma conhecida canção de Djavan.

Comparemos, ainda, algumas considerações extraídas de recentes estudos de base cognitivista com algumas afirmações do autor de CPM:

1) Segundo Lakoff (1993), nossa compreensão do mundo passa, invariavelmente, por correspondências que processamos entre aspectos similares percebidos em domínios experienciais diferenciados: um domínio-fonte (das experiências mais concretas) é mapeado sobre um domínio-alvo (das experiências mais abstratas). As entidades postas em correspondência nos dois domínios são aquelas em que percebemos aspectos semelhantes, traços das experiências mais concretas e que vivenciamos que possam representar (pela similaridade) as abstrações que precisamos representar e/ou interpretar (CHIAVEGATTO, 2000, p. 137).

2) É preciso não esquecer a natureza precária da relação da linguagem com a realidade, que ela é chamada a expressar, mas da qual é separada por um abismo constitutivo, intransponível. É aqui que entra o papel central da chamada função poética da linguagem segundo essas concepções.

A função poética, manifestada sobretudo na tendência à motivação, é, a meu ver, a força posta a serviço do trabalho de elaboração que permite que a linguagem dê nascimento a novas significações; é a base da própria função de representação da linguagem. A tendência à motivação seria o recurso por excelência que a linguagem tem, enquanto dispositivo de expressão, para franquear as barreiras que separam seu universo próprio, que é de natureza apenas significante, da realidade, que deveria ser expressa por seu intermédio, mas que lhe é inerentemente externa e não totalmente captável; é o modo de preencher a distância entre o já dizível com os meios existentes, e a experiência, sempre nova a cada vez; é o expediente de que a linguagem lança mão para sugerir, para mimetizar, o que não consegue nunca apreender unívoca e definitivamente. É essa tendência à motivação que abre uma porta para a possibilidade da linguagem poder, malgré tout, captar alguns aspectos da realidade e da experiência que a ultrapassam, construindo significações capazes de dar expressão à vivência dos falantes⁴.

Lakoff & Johnson (2002, p. 125), autores do já citado clássico *Metáforas da vida cotidiana*, advertem que

Expressões como *perder tempo, atacar posições, seguir caminhos diferentes* etc., são reflexos de conceitos metafóricos sistemáticos que estruturam nossas ações e pensamentos. São vivas no sentido mais fundamental: são metáforas que vivenciamos. O fato de estarem estabelecidas convencionalmente no léxico da língua não as torna menos vivas.

Algumas passagens do subtópico referente à metáfora em CPM nos fazem crer, como tentaremos demonstrar abaixo, que Garcia já antecipara algo do que se demonstrou no estudo de Lakoff e Johnson; ou seja, haveria, segundo o autor, para além da metáfora estética, reavivadora da linguagem, as metáforas naturais da língua corrente (GARCIA, 2010, p. 111), formadas geralmente com nomes de *partes do corpo humano, coisas, objetos e utensílios da vida cotidiana, animais, vegetais, fenômenos físicos, aspectos da natureza, acidentes geográficos* (p. 112). Não há como não observar, nessa enumeração, um tanto de pioneirismo e de independência de pensamento teórico, ainda que sua abordagem não tenha, é

⁴ VASCONCELLOS, Zinda. *A influência da experiência cotidiana na linguagem*. Texto acessível no endereço eletrônico <http://www.filologia.org.br/viiifelin/06.htm>.

claro, a sistematicidade e a profundidade conceitual do estudo realizado pelos autores norte-americanos, além do fato de que o livro de Garcia tem, antes que tudo, finalidade didática.

Uma vez mais, porém, recorreremos às palavras de Chiavegatto para caracterizar como se dão os processos metafóricos de organização das línguas:

Pesquisas como as apresentadas por Lakoff (1987) e Sweetser (1990) apresentam evidências de que, entre as experiências mais concretas que podem ser observadas motivando a organização das línguas naturais, estão as que revelam como muitas das construções linguísticas são resultado de figurações conceituais, entre as quais se destacam as *projeções de experiências de um corpo humano interagindo no espaço* para a representação de conceitos mais abstratos (CHIAVEGATTO, 2000, p. 138 ó grifo nosso).

Afirmam os autores de *Metáforas da vida cotidiana*, portanto, que ãos primeiros candidatos a conceitos que são compreendidos diretamente são os conceitos espaciais simples, tal como, PARA CIMA, que emerge da nossa experiência espacialö (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p. 127). Garcia, por sua vez, afirma que as ãmetáforas naturais da língua correnteö (...) têm como fontes geradoras o próprio homem, seu ambiente e seu cotidiano. Mas, ao passo que nos estudos acima citadosesse processo de metaforização se espraia pelo corpo da língua, confundindo-se com ela, no estudo de Garcia esse processo ainda se insere numa operação de predicação: *boca do túnel* (= o túnel é como uma boca) etc.

2.9.2. Da extensão da metáfora

Garcia não delimita a metáfora no nível do signo linguístico como palavra, mas sim amplifica a definição do tropo até o nível da *parábola* e do *animismo* ou personificação, passando por uma estrutura intermediária como o *clichê*. Quanto à primeira, afirma que ãé uma espécie de alegoria que sugere por analogia ou semelhança uma conclusão moral ou uma regra de conduta em determinado caso (p. 112)ö; também demonstra o caráter moral de toda parábola, em que o ãcorpoö é a história contada e a ãalmaö é a lição que dela se pretende tirar, incluindo nessa categoria os próprios ditados populares, como ãmacaco, olha o teu rabo e deixa o rabo do vizinhoö, para ele também uma parábola.

Já a personificação ou animismo (poderíamos também dizer *prosopopeia*) consistiria em ãpalavras que denotam ações, atitudes ou sentimentos próprios do homem, mas aplicadas a seres ou coisas inanimadasö (p.113). Cita, a título de exemplificação, o longo poema *Cobra Norato*, de Raul Bopp, livro sobre o qual escreveu reputado ensaio de análise estilística (GARCIA, 1996), com seus diversos exemplos de animismo: ãum riozinho que vai para a escola estudando geografiaö, ãáguas assustadasö etc.

Além da catacrese, há para Garcia outra espécie de metáfora gasta: o chamado *clichê metafórico*, que caracteriza o estilo vulgar ou medíocre dos principiantes ou dos autores sem imaginação⁵. Desaconselha, indiretamente, o emprego de expressões como a estrada *serpenteia* pela planície ou o mar *beija* a areia. Em nota de rodapé, deixa claro que não se deve confundir o *clichê metafórico* e o *fraseológico* (este de natureza não metafórica), como o virtuoso prelado, com a *frase-feita* (locuções, ditados, rifões), de genuíno sabor popular e tradicional, do tipo olhos e bugalhos, onde a porca torce o rabo etc. (p. 138).

Ainda no que diz respeito à extensão da metáfora, Lopes (1986, p. 38) diz que ela pode vir a manifestar-se por meio de um plano de expressão de diferentes dimensões sintagmáticas: por palavras (flor), por sintagmas locucionais (Como viver sem conviver na *praça de convites?*), por frases ou orações (Em casa de Gonçalo, a mulher é que é o galo), por períodos. Adiante, estudará o autor a metáfora no nível da alegoria e mesmo da linguagem não verbal, à luz da semiótica.

Fiorin (2008:79), acatando a definição hjelmsleviana de que o signo é toda produção humana dotada de sentido, admite que a metáfora (assim como a metonímia) se estende da palavra ao texto. Como exemplo deste, apresenta o conhecido conto *Um apólogo*, de Machado de Assis o que, para Garcia, a nosso ver, estaria bem próximo do conceito de *parábola*, que não é mais do que uma metáfora transposta ao estrato textual. Veja-se a definição de *apólogo* dada pelo Dicionário Aurélio: *historieta mais ou menos longa, que ilustra uma lição de sabedoria e cuja moralidade é expressa como conclusão*.⁶

CONCLUSÃO

Acreditamos e defendemos que *Comunicação em prosa moderna* é uma obra, da primeira à décima parte, absolutamente pioneira, original e provocadora em sua abordagem dos mais diversos aspectos da língua, para além dos estilísticos e textuais. O breve estudo que o autor faz sobre a metáfora, portanto, não fugiria à regra: se, por um lado, sua concepção sobre ela como figura de linguagem ainda se prende a uma visão tradicional, de base aristotélica, por outro, algumas considerações que faz sobre este aspecto onipresente na

⁵ Há que se lembrar que, em sendo *Comunicação em prosa moderna* uma obra dedicada à expressão e ao estilo, o autor toma a liberdade de ser ligeiramente normativo no que diz respeito a esses domínios, embora praticamente não o seja no domínio gramatical, já que não é essa sua maior preocupação no livro.

⁶ A título de comparação, vejamos a definição que o mesmo dicionário dá para *parábola*: *Narração alegórica na qual o conjunto de elementos evoca, por comparação, outras realidades de ordem superior*.

linguagem humana, projeção do homem sobre o mundo da linguagem, já antecipam algo para além dessa visão tradicional. O confronto que fizemos entre sua abordagem e alguns estudos mais recentes buscou justamente demonstrar a originalidade de seu pensamento, característica que, de resto, permeia toda a sua obra de professor e crítico literário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHIAVEGATTO, Valéria Coelho. *A função dos introdutores de espaços mentais na construção linguística de relatos de opinião no português do Brasil*. In: GÄRTNER, Eberhard (ed.). *Estudos de linguística textual do Português*. Frankfurt am Main: TFM, 2000.

DUBOIS, Jacques e outros. *Retórica geral*. São Paulo: Cultrix, 1974.

FIORIN, José Luiz. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 27. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2010.

_____. *Esfinge clara e outros enigmas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002.

LOPES, Edward. *Metáfora: da retórica à semiótica*. São Paulo: Atual, 1986.

MENEZES, Léia Cruz de. *Metáforas de semelhança na construção de referentes discursivos: qual a orientação argumentativa?* Revista da Abralín. Vol. 9, n. 1. Jan/Junho de 2010.

VASCONCELLOS, Zinda. *A influência da experiência cotidiana na linguagem*. Disponível em <http://www.filologia.org.br/viiiifelin/06.htm>. Acesso em 7 de julho de 2013.

Recebido em 28 de junho de 2013.

Aceito em 7 de julho de 2013.